

## O QUE DOREEN DIRIA SOBRE NÓS? UM ENSAIO SOBRE A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA\*

Ana Angelita da Rocha\*\*

**Resumo:** Este ensaio investe na análise da produção bibliográfica de Doreen Massey, com atenção focada nos títulos dirigidos aos cursos para o segmento do Ensino Superior, ministrados ou organizados por ela nas décadas de 1990-2000, na Open University (em Milton Keynes, Reino Unido). A aproximação a esses trabalhos – ainda sem tradução para o português – procura inventariar os aspectos pedagógicos nas construções epistemológicas da autora. O estudo da face pedagógica de Massey, ao considerar seus textos didáticos, busca um painel de ações, recursos e metodologias para uma possível adoção dos conteúdos da Geografia passíveis de serem inseridos na Educação Básica. Portanto, não se trata de uma incorporação vertical da academia para a escola, mas um estudo cujo inventário de procedimentos possa ser inspirador para a epistemologia escolar, considerando a potencialidade da concepção espacial desenvolvida pela autora (MASSEY, 1995, 2004, 2006, 2008).

**Palavras-chave:** Doreen Massey, Espaço, Ensino de Geografia.

### WHAT WOULD DOREEN SAY ABOUT US?

#### An essay on the pedagogy of hope

**Abstract:** This essay invests in the analysis of Doreen Massey's bibliographic production, with attention to the titles directed to Higher Education courses, taught or organized by her in the decades of 1990-2000, at the Open University (in Milton Keynes, UK). The approach to these works - without translation into Portuguese - seeks to set pedagogical aspects down in the author's epistemological constructions. The study of the pedagogical bias of Massey provides a set of actions, resources and methodologies for a possible syllabus of Geography that can be adopted in elementary education. Therefore, it is not a vertical incorporation of the academy into the school, but a study whose inventory of procedures can be inspiring for school epistemology, considering the possibilities of the spatial conception (MASSEY, 1995, 2004, 2006, 2008).

**Keywords:** Doreen Massey, Space, Geography Education.

### ¿QUÉ DIRÍA DOREEN SOBRE NOSOTROS?

#### Un ensayo sobre la pedagogía de la esperanza

**Resumén:** Este ensayo realiza un análisis de la producción bibliográfica de Doreen Massey, con la atención enfocada en los títulos dirigidos a los cursos para el segmento de la Enseñanza Superior, impartidos o organizados por ella en las décadas de 1990-2000, en la Open University (en Milton Keynes, Reino Unido). La aproximación a esos trabajos - aún sin traducción al portugués - busca inventariar los aspectos pedagógicos en las construcciones epistemológicas de la autora. El estudio de la cara pedagógica de Massey, al considerar sus textos didáticos, busca un panel de acciones, recursos y metodologías para una posible adopción de los contenidos de la Geografía pasibles de ser adoptados en la Educación Básica. Por lo tanto, no se trata de una incorporación vertical del ámbito académico a la escuela, sino un estudio cuyo inventario de procedimientos puede ser inspirador para la epistemología escolar, considerando la potencialidad de la concepción espacial desarrollada por la autora (MASSEY, 1995, 2004, 2006, 2008).

**Palabras clave:** Doreen Massey, Espacio, Enseñanza de Geografía.

\*Este ensaio apresenta a questão central da pesquisa "Lições de Doreen Massey: por uma agenda da Geografia Escolar", submetida ao Programa de Pós-Graduação de Geografia (UFF), na condição de estágio de pós-doutoramento, sob a supervisão do Professor Doutor Rogério Haesbaert, no período de 2016-2. Cabe sinalizar que, no texto, procuro refletir brevemente a respeito do potencial pedagógico presente na extensa produção bibliográfica da geógrafa britânica.

\*\*Professora do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, integrante do NEC/UFRJ e NUREG/UFF. Email: ana-angelita@ufrj.br

## Introdução

O objetivo fundamental da educação - perguntar, ao invés de aceitar acriticamente - é particularmente poderoso quando o X da questão seja a natureza das nossas imaginações geográficas. Doreen Massey, 2006 (tradução livre)<sup>1</sup>.

Movido pela conjuntura das incertezas e dos desencontros entre a política e a esperança, este ensaio ambiciona, sobretudo, uma escrita solidária às resistências – face à avalanche conservadora que rasga as cicatrizes da história recente da república brasileira. Inspirada na *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire (1997), o objetivo desse ensaio é, mesmo que brevemente, traçar um perfil da pedagogia de Doreen Massey. Sua marcada coerência militante – que não separa a teoria da sua concepção política de espacialidade – nos brinda com princípios de uma pedagogia espacial da emancipação.

Neste ensaio, proponho, em um primeiro momento, narrar brevemente suas marcas biográficas atuantes em suas reflexões teóricas, com o intuito principal de refletir resumidamente as influências no campo geográfico. Nas seções seguintes, procuro rascunhar uma análise pedagógica de três materiais desenvolvidos e editados por ela e por seus parceiros na *Open University*, onde produziu recursos didáticos para o atendimento dos cursos (de Ensino Superior na modalidade de Educação

a Distância). Assumo aqui, a princípio, minha profunda admiração pelas suas concepções ideológicas e pedagógicas sobre o espaço.

Por esta razão, entendo que o momento é mais que oportuno para nos debruçarmos sobre seu legado que infelizmente assume aqui a ambivalência da luta e do luto. Da luta que se desdobra em diferentes formas de resistência a violentos projetos autocráticos que desestabilizam qualquer princípio de democracia. De luto, em função da prematura e repentina passagem de Doreen Massey, provocando a sincera comoção na comunidade geográfica e nos movimentos de esquerda em diversas partes do mundo.

Sob esses sentimentos paradoxais, vale aqui acolher o otimismo de Doreen Massey, resumido em suas “geografias solidárias”, pois neste contexto político obscuro devemos celebrar o ato mais fascinante da recente história do protagonismo estudantil brasileiro, resultante das ocupações das escolas públicas, motivadas por uma agenda contundente de demandas populares.

Com uma extensa produção bibliográfica coerente com sua biografia política, Doreen Massey é um expoente contemporâneo da Geografia Humana, cuja trajetória foi recentemente tratada no livro *Spatial Politics – Essays for Doreen Massey*<sup>2</sup>, organizado por David Featherstone e Joe Painter (2013). Em tempo no qual a esperança é ofendida, compete aqui perguntar o que Doreen diria a respeito de nós.

Figura 1 - Ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu, Rio de Janeiro, maio de 2016.



<sup>1</sup>"The crucial aim of education – to question rather than to accept without further thought – is particularly powerful when what is at issue is the nature of our geographical imaginations". (MASSEY, 2006).

<sup>2</sup>Este ensaio apresenta a questão central da pesquisa "Lições de Doreen Massey: por uma agenda da Geografia Escolar", submetida ao Programa de Pós-Graduação de Geografia (UFF), na condição de estágio de pós-doutoramento, sob a supervisão do Professor Doutor Rogério Haesbaert, no período de 2016-2. Cabe sinalizar que, no texto, procuro refletir brevemente a respeito do potencial pedagógico presente na extensa produção bibliográfica da geógrafa britânica.

## A coerência entre teoria e prática política

A reunião, que iremos participar no domingo, forma parte de um dos grupos de trabalho estabelecidos na Ocupação LSX e seu objetivo é precisamente refletir sobre a questão da espacialidade. O foco seria a relação entre espaço e democracia. Trata-se de uma atividade minúscula entre tantas outras, mas com o intuito de transcender o debate sobre a crise econômica. As "ideias", incluindo as ideias sobre o espaço agora, sem dúvida, são cruciais. (MASSEY, 2013: 251, tradução livre)<sup>3</sup>.

O depoimento, redigido pela própria professora Massey, aconteceu no contexto dos movimentos de ocupação, no inverno londrino de 2011. Naquela ocasião, Doreen Massey rascunhava as esperanças emergentes dos processos de resistências à autoritária avalanche liberal de resgate às instituições financeiras. A resistência começava por seu próprio corpo. Frágil, ela o desafiava além do frio, para visitar as ocupações e ali presenciar a construção das pautas. Pelos múltiplos "re-existires"<sup>4</sup> dessa imagem, essa escrita vai a Massey, não somente como percurso de homenagem, mas para remediar a nossa despedaçada esperança. Falamos de Massey porque sua biografia desobedeceu a fronteira entre a ação e o pensamento. Precisamos da sua desobediência, porque pensar o espaço hoje é pensar em projeto de democracia. Massey, afinal, fez de sua vida o ato de pensar-agir porque para ela as questões vêm da rua e emergem da ação.

Nascida em bairro proletário de Manchester, em 1944, Doreen Massey viveria (e mais tarde reconheceria) os benefícios do estado de bem-estar social, pois é nesse contexto que se torna uma das primeiras mulheres de sua família a graduar-se no ensino superior, sendo bolsista da prestigiosa e elitista Universidade de Oxford. Aliás, foi onde viveu os muros impostos pelas origens sociais e canalizou esses sentimentos para construir suas ferramentas de interpretação do mundo.

Em 1966, graduou-se em Geografia. Também como bolsista entre 1971-1972, fez mestrado em Economia e Ciência Regional na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos. Ao comentar sobre essa passagem, ironizava, ao retratá-la como uma ambição de "conhecer o inimigo por dentro". Durante esse período, ela cursou uma disciplina oferecida por Louis Althusser e, além de aprofundar seus estudos marxistas, estabeleceu laços de amizade com colegas que durariam por toda a sua vida.

<sup>3</sup>La reunión en la que vamos a tomar parte el domingo forma parte de uno de los muchos grupos de trabajo establecidos al amparo de Occupy LSX, y su objetivo es precisamente reflexionar sobre este tema de la espacialidad. Se centra en la relación entre espacio y democracia. Se trata de una actividad minúscula entre tantas otras en medio de la confusión y con el intento de transcender el debate sobre la crisis económica hasta? llegar al debate sobre las grandes políticas subyacentes. Las "ideas", incluyendo las ideas sobre el espacio ahora son, sin duda alguna, cruciales". (MASSEY, 2013:251)

<sup>4</sup>Expressão inspirada em Porto Gonçalves, para quem a ambivalência da resistência e da existência é princípio fundador dos movimentos sociais. O neologismo é aplicado pelo autor em muitos trabalhos e palestras referentes aos povos dependentes da floresta amazônica como no livro *Amazônia, Amazôniaas*, (2001).

Entre 1968 e 1980, trabalhou no *Centre For Environmental Studies*, autarquia pública que produziu impactantes pesquisas de planejamento e inovação tecnológica. Contudo, a autonomia das investigações incomodou o governo, o que levaria ao encerramento de suas atividades pelas mãos de Margaret Thatcher. Depois de um período de instabilidade e precariedade de seus empregos, submeteu-se a processo seletivo para a *Open University*, um projeto de ensino superior com orientação mais democrática, caracterizada como instituição focada na educação a distância, cujos alunos - trabalhadores, presidiários, soldados - dificilmente teriam acesso às universidades presenciais britânicas. Massey assumiu o posto de catedrática em 1982, sem mesmo ter o título de doutorado, e contribuiu decisivamente para a vertente humana do Departamento de Geografia, na Faculdade de Ciências Sociais. Entretanto, cabe sinalizar que Massey, em suas análises, jamais separou a natureza da sociedade e tal perspectiva pode ser evidenciada na sua leitura crítica da concepção do espaço como fixidez<sup>5</sup> (2004:14).

Nos seus estudos, sublinhou que usualmente as Ciências Sociais consagram o discurso temporal do espaço, uma conversão que mais provocou a cisão do que a indissociabilidade no emprego dos conceitos de espaço e tempo. Ela lamentava que muitas imaginações geográficas haviam sido concebidas (não raras vezes) como sequências históricas, encarnando o discurso do "progresso" ou, em suas palavras, as diferenças entre os lugares residiriam "no lugar em que ocupam na fila da história" (2006:5). Desse modo, a dicotomia entre espaço e tempo se funda numa redução desses conceitos a partir de metáforas como "modernização", "desenvolvimento", "atraso", "centro", "periferia", entre outros:

O que se desenvolveu dentro do projeto de modernidade, em outras palavras, foi o estabelecimento e a (tentativa de) universalização de uma maneira de imaginar o espaço (e a relação sociedade/espaço) que afirmou o constrangimento material de certas formas de organizar a relação entre sociedade e espaço. E que ainda permanece hoje em dia. (2008:103)

O projeto de revisão da concepção do espaço passa pela superação da pauta essencialista e da cisão espaço-tempo. Massey procurou, assim, enaltecer a multiplicidade e a contingência e, não por acaso, questionou as perspectivas que concebem o espaço como absoluto e/ou as que procuram a definição de representação do espaço como apreensão objetiva do real. Compartilho aqui a suspeita de que a sua atenção às muitas subjetividades e a sua profunda preocupação com

<sup>5</sup>Cabe sinalizar que, no decorrer de sua produção, Massey incorporou críticas no desenvolvimento de sua concepção de espaço. Outro movimento foi produzido no "For space", ao operacionalizar o sentido de espaço articulando o físico e o humano. No material didático "Material Geographies", é possível inferir tal argumento, ao identificar que sua concepção de globalização envolve indissociavelmente a dimensão física e humana.

a injustiça social repercutem no seu projeto de concepção de espaço porque ela prioriza o debate político-discursivo.

Tanto nos ensaios e artigos da década de 1990/2000 quanto na sua obra traduzida (como *Pelo espaço – uma nova política da espacialidade*), é possível identificar uma proposição substantivamente política na abordagem do espaço/espacialidade, termos definidos por ela como “intercambiáveis” (1992; 2004; 2008). Ou seja, textualmente como substantivo e verbo, espaço/espacialidade/espacializar são concepções que ritualizam a coetaneidade<sup>6</sup> da vida. Podemos ler aqui que há uma forte sugestão para compreender os efeitos de sentido de espaço que, por sua vez, escapariam a qualquer tentativa ou estratégia de representação, de captura, de imobilidade. Nas palavras da autora:

O espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade, sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então, isto deve implicar na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. (MASSEY, 2004: 8).

A afirmativa acima, com efeito, valoriza a multiplicidade como pauta de interpretação do espaço que incorpora a contingência, afastando-se do modelo explicativo de autorização da dicotomia espaço e tempo, o que, de certo, está a favor da pauta da democracia radical<sup>7</sup> (MASSEY, 1992). A garantia de que “não há multiplicidade sem espacialidade”, e vice-versa, absorve uma qualidade de crítica às formas essencialistas que propõem o esvaziamento de uma abordagem da justaposição, de rizomas e de incompletudes presentes em abordagens teórico-metodológicas, digamos, “mais próximas” ao pós-estruturalismo.

Emprego o termo “próximo” uma vez que a autora não nega a contribuição das abordagens estruturalistas do pensamento social, em especial, no que diz respeito ao modelo explicativo de interpretação geográfica, pautada profundamente em estruturas de classificação. No capítulo ironicamente intitulado “A morada-prisão da sincronia”, Massey considera que a união entre estruturas e pensamento social conferiu status científico à Geografia.

<sup>6</sup>O conceito de coetaneidade (coevalness) é revisto por Massey (2008a) a partir de Johannes Fabian, para quem: “a coetaneidade tem como objetivo reconhecer a contemporaneidade como condição para o verdadeiro confronto dialético” (FABIAN, apud. MASSEY, 2008 a, p; 109). Massey o revisitou como estratégia de afirmar a indissociabilidade espaço-tempo, para indicar os limites da interpretação da Geografia na Modernidade que hegemonizou uma leitura de progresso e desenvolvimento e que garantiu uma visão colonizadora do outro. Para a autora, coetaneidade “diz respeito a uma postura de reconhecimento e respeito em situações de implicação mútua. É um espaço imaginativo de envolvimento: fala de uma atitude. E é informado por uma conceituação prática de espaço e tempo” (2008 a:109). De tal forma que coetaneidade pode ser interpretada como perspectiva procedimental que impediria uma classificação apriorística e verticalizada do “outro”, de uma forma de subjugação espacial.

<sup>7</sup>Chantal Mouffe e Ernesto Laclau difundiram a categoria de “democracia radical” que, em poucas palavras, significa a necessidade de interpretar a democracia fora do modelo de consenso, ao afirmarem que se trata de um problema do terreno do antagonismo. Portanto, o projeto de democracia radical (já citado aqui nesta pesquisa) não busca sublimar o conflito, mas reconhecê-lo como constituinte da decisão e da vontade política (LACLAU E MOUFFE, 2005).

Citando Edward Soja, informa que o estruturalismo havia sido “uma das vias mais importantes do século XX para a reafirmação do espaço na teoria social crítica”. (SOJA, 1989 apud MASSEY, 2008:18). Nessa direção, o legado da abordagem estruturalista do espaço favoreceu a construção de modelos determinados (positivados), condicionados pela variável do tempo.

Em *Pelo espaço*, Massey se dedicou em compreender o legado da abordagem estrutural de explicar o mundo que promoveu a consolidação da Geografia como identidade disciplinar. Não por acaso, com esta discussão, a autora produziu reflexões acerca da permanência deste *modus operandi* de promover sentidos espaciais nas teorias que valorizam a sinonímia entre espaço e representação. Tal argumento é sugerido, por exemplo, na seguinte afirmação:

É conceituação de espaço que, uma vez mais, é realmente uma residualização e deriva do pressuposto de que espaço se opõe a tempo e não tem temporalidade. Pensado desta maneira, “espaço” realmente seria domínio do fechamento, e esse, por sua vez o transformaria no domínio da impossibilidade do novo e, portanto, do político (2008:66).

O compromisso com o antiessencialismo, como afirma Massey, é dependente de uma imaginação espacial política e que, por esta razão, interroga a centralidade do sujeito ou o de identidades plenamente constituídas.<sup>8</sup> Ou, conforme suas palavras: “devemos ser prudentes a respeito de reivindicações de autenticidade baseadas em noções de identidade imutável” (2004:9, grifo nosso). Mais à frente, também concordando com Laclau (apud Massey), afirma que uma abordagem alternativa do espaço procura concebê-lo como “aberto, não finalizado, sempre em devir” ou seja, como um pré-requisito para a história ser aberta e, assim, após os argumentos de Laclau<sup>9</sup>, um pré-requisito para a possibilidade da política” (2004: 11).

Massey pautou a sua ação/pensamento no antiessencialismo com contundência, por exemplo, em 1991, com o artigo *Flexible feminism*. Nesse artigo, procurou sinalizar a incompleta leitura crítica a respeito da modernidade no campo da Geografia, por desconsiderar, sobretudo, o debate sobre gênero. Para essa apreciação, Massey focou sua revisão em *Postmodern Geographies*, de Edward Soja (1989) e *The Condition of Postmodernity*, de David Harvey (1989), por considerar que ambas são centrais para a visão disciplinar sobre a modernidade. **Interessante notar que ela advertiu que tal artigo não dizia**

<sup>8</sup>Massey, ao discorrer sobre a incompletude da política da identidade, cita os estudos de Mouffe, em especial sua discussão sobre constituição de subjetividades políticas. Massey, concordando com Mouffe, considera que há um modo paralelo de conceber as identidades/entidades políticas e o espaço e enfatiza que o espaço participa da constituição de subjetividades políticas (2008:9).

<sup>9</sup>Massey, naquela citação, se referiu aos trabalhos de Laclau (1990), no qual se discute a democracia radical, a partir da negação teleológica do pensamento, marcada em perspectivas fundacionalistas da inteligibilidade da política. Em outras palavras, para Laclau seria necessária uma versão aberta do futuro para conceber a democracia radical. Concordando com esta radicalidade, o espaço/espacialidade de Massey dialoga com a teorização político-discursiva de Laclau, favorecendo a “abertura”.



respeito exclusivamente aos dois livros, mas também a outros trabalhos, incluindo os seus, que omitem ou, de alguma maneira, se descuidam da questão da diferença.

Afinal, Massey, ao se dedicar aos movimentos feministas e se ocupar da discussão de gênero a partir da perspectiva geográfica, procurou denunciar os limites da leitura do espaço ao não se debruçar sobre o debate das estratégias de conceber a relação entre sujeito e espaço. Isso denota, mais uma vez, sua profunda atenção para operações intelectuais convergentes às demandas políticas.

Até este instante, preoquei-me em narrar a convergência entre sua experiência e seus sentimentos com a sua prática intelectual e convém agora anunciar resumidamente sua tática docente, ou melhor, a prática pedagógica de comunicar sua concepção provocativa de espaço. Com efeito, condizendo com sua criativa e autêntica escrita, Massey se debruçou sobre a produção dos materiais didáticos dedicados aos cursos a distância da *Open University*.

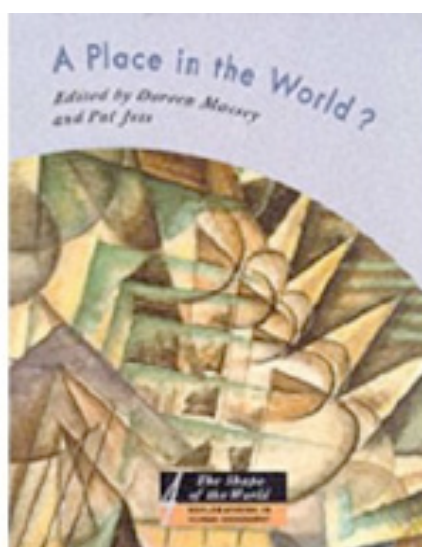
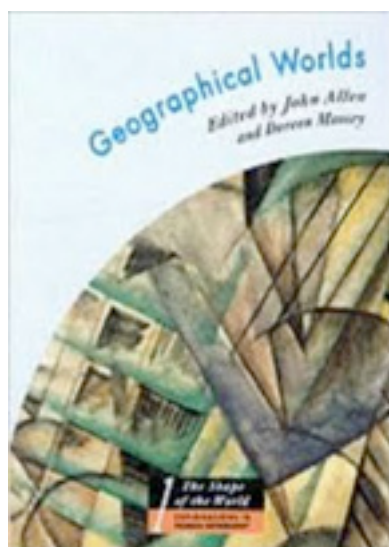
De fato, como uma das atribuições referentes à natureza da instituição, Massey buscou didatizar sua complexa apreensão do espaço, de maneira interativa, sempre ocupada em promover uma relação horizontal com o seu aluno. Isto pode ser percebido com respeito aos processos autônomos de aprendizagens. Na próxima seção, procurarei demonstrar essa sinergia entre

epistemologia e didática, a partir da análise de alguns exercícios que ela propõe nos seus materiais impressos, dedicados aos referidos cursos.

## A pedagogia da esperança como lugar do encontro

Este ensaio investe na análise da produção bibliográfica da autora, com atenção focada nos títulos dirigidos aos cursos ministrados ou organizados por ela na década de 1990, na *Open University* (em Milton Keynes, Reino Unido). A aproximação a esses trabalhos – ainda sem tradução para o português – procura inventariar os aspectos pedagógicos nas construções epistemológicas de Doreen Massey. O estudo da face pedagógica de Massey, ao considerar seus textos didáticos, busca um painel de ações, recursos e metodologias para a adoção dos conteúdos da Geografia passíveis de serem inseridos na Educação Básica, considerando inicialmente, nesta seção, a análise de dois títulos editados pela autora na série de livros didáticos: *The Shape of the world: explorations in Human Geography: Geographical Worlds*, (1995) e *A Place in the World?: Places, Cultures and Globalization*, (1996).

Figura 2 - Capas de dois livros editados por Doreen Massey (1995-1996), Série *The Shape of the world: explorations in human Geography*.



Publicados entre 1995-1996, em parceria com John Allen e Pat Jess, respectivamente, esses dois títulos compõem a série didática, desenvolvida com o objetivo de abordar os principais temas do pensamento geográfico que, na compreensão dos autores, seriam: o espaço, o lugar e o ambiente. A série é composta por cinco volumes

para atender aos objetivos do curso, de mesmo nome, ministrado pela *Open University* – caracterizada como instituição de prestígio no segmento de educação a distância em nível superior.

Para Albet e Benach (2012), organizadores do livro *Doreen Massey: un sentido global del lugar*, Massey

imprimiu suas marcas nessas publicações, ao priorizar a complexidade de sua concepção do espaço no conteúdo do projeto didático e na sua organização coletiva. Eles resumiram, da seguinte maneira, o processo de construção destes textos:

Antes de dar um texto por acabado e definitivo, se dão diversas etapas imprescindíveis, por decisão coletiva. Primeiro, convida-se uma pessoa a elaborar um primeiro rascunho, cujo tema também é previamente decidido de maneira coletiva. Tal rascunho recebe as críticas construtivas do grupo para que seja reescrito e submetido novamente à revisão até alcançar a versão final. O objetivo não é teorizar diretamente, nem tampouco apresentar estudos de caso: trata-se de pensar mediante temas e conceitos e expor como estes são desenvolvidos espacialmente (2012:22, tradução livre)<sup>10</sup>.

Cabem aqui dois comentários sobre o fragmento acima. O primeiro trata da dimensão criativa de Massey para editar o texto, respeitando a dinâmica coletiva e o rigor teórico-metodológico. No segundo, em que divirjo parcialmente da citação, identifico a escrita pedagógica de Massey centrada nos estudos de casos e no cuidado conceitual.

Ao analisar os capítulos de sua autoria, em dois volumes da série *The Shape of the world: explorations in human Geography*, noto que os estudos de caso são tanto os instrumentos didáticos como as operações conceituais, com o fim de desenvolverem a aprendizagem espacial. Ou seja, sob uma reflexão pedagógica, suspeito que Massey recorreu ao estudo de caso como procedimento didático e, como tal, vejo que este se constitui como uma ferramenta de comunicação e de popularização de seu pensamento.

Interessante observar algumas considerações a respeito da natureza didática dos materiais impressos para a Educação a Distância (EAD). A totalidade da coleção e do curso é elaborada por pesquisadores que farão transposição didática de seus objetos. Estamos de acordo com a noção de que livro didático é um gênero textual. O livro dedicado exclusivamente ao EAD obedece às características específicas para atender a modalidade. Por esta razão, é um gênero textual que combina recursos voltados para a interatividade com o leitor, sem descuidar-se do rigor acadêmico, por conta do nível de formação.

Em outras palavras, há a necessidade da contextualização dos conteúdos, da experiência cotidiana, para garantir a interatividade e a dialogicidade do texto. Por isso, uma das marcas textuais é a reiteração, além do que há diferentes recursos que enfatizam a síntese dos conteúdos. Portanto, podemos identificar

<sup>10</sup>“Antes de dar por bueno y definitivo un texto, se llevan a cabo diversos pasos imprescindibles encargar, por decisión colectiva, a una persona la elaboración de un primer borrador sobre un tema previamente decidido también de manera colectiva; dicho borrador recibe las críticas constructivas de conjunto del equipo para que sea reelaborado y sometido a nueva revisión antes de alcanzar la versión final. El objetivo no es ni teorizar directamente ni tampoco presentar estudios de casos: se trata de pensar a través de los temas y conceptos y de exponer cómo estos se desarrollan espacialmente” (2012: 22)

no capítulo de Doreen Massey as seguintes operações didáticas: a descrição, a comparação e a enumeração dos fatores e das causas da dinâmica espacial. Por esta razão, identificamos o estudo de caso como método de aprendizagem privilegiado pela autora em suas obras didáticas.

Desse modo, a seleção de um determinado conteúdo ou o emprego de determinado conceito, por exemplo, é uma resposta ao cenário político, ao referendar-se em experiências cotidianas, por meio de exemplificações nos estudos de caso. Uma leitura desafiante que inspira o constante cuidado com a escrita sobre os sujeitos e suas demandas em torno da produção do espaço. Para fins de sustentar tal análise, convém neste momento apresentar um enunciado de seus exercícios: “Agora, faça uma pausa, de poucos minutos, e considere como você concebe a seguinte afirmativa: ‘a identidade europeia deveria ser melhor definida?’” (1996:172, tradução livre)<sup>11</sup>.

A estratégia da pausa pode ser tomada como uma proposta didática ocupada com a interação horizontal com o leitor, buscando uma escrita dialogada. De acordo com uma perspectiva de análise do texto, reconheço nas “pausas” uma intertextualidade e noto que a autora as usou para inserir novos vocábulos/categorias ou definições. Ou seja, percebo nesses mecanismos a reivindicação de um momento didático para interpor com polidez a “voz” do leitor.

Outro movimento de interação com o leitor diz respeito ao uso da primeira pessoa do plural na escrita de seus textos, como um recurso de proximidade. Compete aqui compreender melhor o impacto disso nos seus textos pedagógicos. Vale, contudo, poucas palavras sobre o livro didático no mercado. Empiricamente, consideramos o problema da autoria dos livros didáticos, porque muitas vezes eles são subordinados aos projetos das editoras, como atestam Verónica Hollman e Carla Lois (2015) nos seus estudos sobre o livro didático na Argentina. Sene (2014) também denunciou uma visão do livro didático na ciência geográfica, no que ele percebeu como “obramenor”, em referência ao processo de autoria e da especificidade desse gênero no campo disciplinar, se assim o quisermos compreender.

Nocaso daqueles editados por Massey, particularmente nos capítulos escritos sob sua assinatura, ela mantinha os traços e as marcas pessoais de sua escrita – não apenas no uso de uma narrativa de aproximação ao leitor, às vezes com o emprego da primeira pessoa, mas na organização do material coletado por ela em viagens e experiências.

Em resumo, a sua pedagogia imprimiu rasgos biográficos, conferindo de fato uma autoria que foge da impessoalidade tão marcante nos livros didáticos. Com

<sup>11</sup>“Pause here for a few minutes and consider how you think ‘European identity might best be defined?’ (1996:172).

feito, identifico aqui uma particularidade de sua didática coerente com um projeto mais horizontal e democrático de ensino-aprendizagem. Isto é, a despeito de ser um texto ocupado com a educação a distância, Massey ofereceu a dimensão da experiência com seu interlocutor.

Para evidenciar tais aspectos, gostaria de brevemente analisar o emprego da charge no volume *A Place in the World?: Places, Cultures and Globalization* (1996). A charge é inserida no capítulo *The conception of place*, quando a autora didatiza sua teoria sobre lugar, que é precedida pelo seguinte parágrafo:

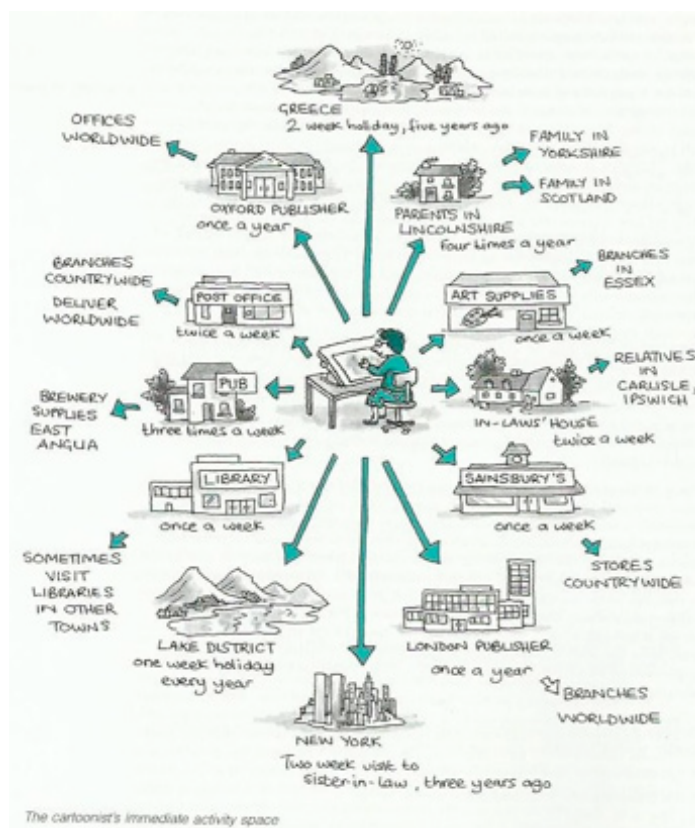
Cada um de nós, como indivíduos, também possui nosso próprio espaço de atividades. Você poderia pensar o seu e compará-lo com os das outras pessoas. O mais básico é provavelmente um conjunto de caminhos e lugares bastante locais, pois o cotidiano é vivido entre a casa, a escola, o trabalho, a igreja e o clube, com viagens ocasionais a uma cidade vizinha, ou a um hospital, talvez. Este padrão pode, por sua vez, ser pontuado por excursões muito mais longe - com amigos ou parentes para uma visita, para viagens de fim de semana ou para acompanhar sua equipe para um jogo fora de casa. (1995:55, tradução livre)<sup>12</sup>.

Por fim, a inserção do recurso da charge na sequência de um texto que prioriza o rigor acadêmico convida o leitor a dedicar-se poucos minutos para identificar e explorar as suas próprias conexões com lugares.

No capítulo *The Contestation of Place*, Massey optou por distribuir os conteúdos em quatro estudos de caso. Cabe sinalizar que na seção *The Openness of Place*, a autora pedagogiza seus resultados de pesquisa sobre parques tecnológicos. Somado a esse aspecto de divulgação científica, vem outro que igualmente nos importa, isto é, como ela pedagogiza sua inserção política.

Massey problematizou a agenda feminista na discussão dos sentidos atribuídos ao "lar" no capítulo mencionado, precisamente na seção chamada de *Empirical Critique*, no qual articulou o debate do feminismo às teorias e à política da diferença, centrando-se na geografia de gênero. Convém aqui rapidamente a reprodução de um único trecho dessa rica seção: "A questão central para esses críticos é que essa maneira de caracterizar o lugar como uma casa, como uma estabilidade imutável para ser observada, converte-se numa perspectiva masculina" (1995:65, tradução livre)<sup>13</sup>.

Figura 3 - Extraído do capítulo "The Contestation of Place", (1995:56).



<sup>12</sup>Each of us, as individuals, also has our own activity space. You could think of your own and then compare it with that of other people. The basic shape is probably a set of fairly local paths and places as normal daily life is lived between home, school, work, church and club with occasional trips further afield to a neighbouring town, or to a hospital, maybe. This pattern may in turn be punctuated by forays much further afield - to friends or relatives for a visit, for weekend excursions, or to follow your team to an away match". (1995:55).

<sup>13</sup>The deeper point is made by these critics is that this way of characterizing place as home, as an unchanging stability to be looked back on, to be returned to is itself masculine". (1995:65).



Não raras vezes, ela propôs uma pausa para inserir uma atividade que revisasse ou introduzisse o novo conceito. No início de cada capítulo, ela costumava organizar os argumentos a partir de perguntas, um recurso didático que permite a diagnose dos saberes prévios para sustentar novas aprendizagens.

Em *Pelo Espaço*, que não é um livro didático, ela apresentou momentos que alimentam interações pedagógicas com seu leitor ao promover recursos de intertextualidade. Manipulando, por exemplo, diversos recursos literários, a autora trabalhou com distintas tradições teóricas para sustentar o protagonismo da relação espaço-tempo no pensamento social. Além dessa publicação, outros trabalhos e definições (como a “geometria do poder”) da autora permitem aplicar a metonímia da geografia filosófica, como anunciou Arun Saldanha (2013), no artigo intitulado.

Cabe sinalizar que o argumento da multiplicidade em Massey (2008:19) mobiliza um projeto de compreensão de ruptura com o determinismo, presente, por exemplo, em operações de significação do espaço, incluindo aquelas pedagógicas na sua visão da Geografia. Ou seja, a multiplicidade, como princípio para pensar o espaço, exige necessariamente a intencional associação espaço-tempo, na medida em que impede o fechamento da interpretação dos mesmos fenômenos.

A afirmação da multiplicidade, como princípio para interpretação do espaço-tempo, requer, no meu ponto de vista, a revisão profunda da agenda política da Geografia escolar – o que, de fato, incide na produção de uma pauta curricular que favoreça a vigilância sobre a produção do antagonismo, particularmente, em operações significativas da causalidade que são construídas no conhecimento escolar. Com essa ordem de ideias, vejo os manuais pedagógicos de Massey com uma escrita que articula a pessoalidade da autoria ao rigor da divulgação científica para fins pedagógicos.

Em resumo, as proposições de Massey questionam o pensamento linear e os efeitos (pedagógicos) da lógica da causalidade na Geografia. Entendo que a primazia da relação causa-consequência prejudica outras formas de conceber os sentidos espaciais. Com essa ordem de ideias, pensar o ensino da Geografia, tendo a multiplicidade como condição de sua produção, é uma pauta política a serviço da interpretação espaço-tempo que repercute em uma proposta pedagógica e epistemológica mais democrática. Tal argumento é construído sobre a análise

do material pedagógico de Massey.

Suspeito que a (pouco reconhecida) dimensão pedagógica de Massey anuncia o problema do espaço quando reduzido à representação e, por esta razão, ela é inspiradora para a nossa concepção de aprendizado espacial. Em resumo: a dramaturgia do aprendizado espacial está na hegemonização de sentidos espaciais, inscrita nas práticas pedagógicas que superam a lógica de causalidade para explicar o cotidiano.

Isso não seria uma exclusividade do predomínio geográfico, mas frequentemente a causalidade é reivindicada pelo ensino de um conteúdo que não se ocupa com a complexidade espacial. Com este argumento, caberia interrogar se a tradição escolar da disciplina produz sentidos de espaço e, assim, o inventa e o nomeia como conteúdo a ser ensinado, na exclusão de alternativas que demandem a multiplicidade em detrimento da homogenia ou padronização dos fenômenos.

Paratanto, é possível identificar no material pedagógico de Massey uma potencialidade para concepção espacial na escola. Na próxima seção, analisaremos o capítulo *Geographies of Solidarities*, em que Massey (2008) didatiza estratégias de autonomia e resistências em escala global, chamada por ela de “solidariedades”.

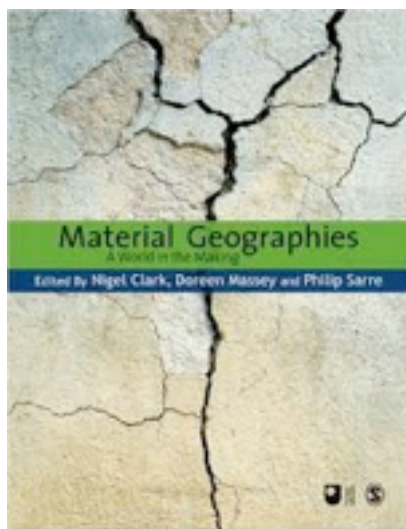
## Geografias das Solidariedades: um conteúdo que potencializa o Currículo e a Geografia

Esta seção tem o foco na descrição das estratégias adotadas por Doreen Massey ao eleger a Geografias das Solidariedades (tradução livre) como conteúdo. Trata-se do sétimo capítulo do livro *Material Geographies – a World in the Making*, organizado pela autora em parceria com Nigel Clark e Philip Sarre (2008). O livro, somado ao volume *Geographies of Globalization: a demanding world* (BARRET et al, 2008), integra o material do curso *Living in a Globalised World*, oferecido pela Open University, com o objetivo de explorar questões-chaves da globalização.

É interessante observar uma coesão entre as sequências de aprendizagens dos volumes analisados na seção anterior e o capítulo agora em tela, isto é, a centralidade da experiência para a inteligibilidade da vida, algo muito próximo à compreensão espacial desenvolvida por Doreen Massey. Logo, os seus textos didáticos são coerentes com a premissa do espaço como experiência.



Figura 4 - Capa do livro, edição 2008.



O sétimo capítulo do volume traz como título Geografias das solidariedades. É organizado em seis subseções, duas leituras complementares, sete atividades e oito recursos visuais, distribuídos em quarenta e oito páginas. Por ser material e recurso de um curso a distância, a escrita é moldada com inteligibilidade didática, cuja clareza e riqueza de imagens e dados indicam a qualidade pedagógica do texto.

De modo geral, ao examinar os processos espaciais, particularmente a partir da perspectiva da Geografia Econômica, o livro editado por Massey e seus parceiros indica o necessário método de “pensar geograficamente” para a compreensão das relações políticas e sociais que configuram o fenômeno da globalização. Interessante observar que o curso *Living in a Globalised World* é produto de um esforço coletivo entre pesquisadores para problematizar a natureza da globalização.

O volume *Material Geographies – a World in Making* é um livro ocupado com o esforço de superar a dicotomia sociedade e natureza. Os seus organizadores afirmam esta intencionalidade no próprio título ao indicarem que “Embora pareça que vivemos em uma realidade pronta, nosso mundo está constantemente sendo feito e refeito. Ao escolher este título, estamos tentando chegar a um argumento muito particular [relação sociedade e natureza], que é o tema dominante do livro.” (MASSEY & CLARK, 2008:1, tradução livre)<sup>14</sup>.

A preocupação com a produção do mundo se faz na análise integradora dos movimentos físicos e humanos, com o foco nos sujeitos e nos fatores responsáveis pela globalização. Portanto, para os autores, a compreensão processual se faz nos estudos de caso, considerando especialmente os conceitos de território e fluxo:

<sup>14</sup>“Though it may seem that we live in a reality that is ready made, our world is in fact constantly being made and remade. By choosing this title we are trying to get at a very particular argument which is the dominant theme of the book.” (MASSEY & CLARK, 2008:1).

Um dos argumentos centrais deste livro é que essa interação constante entre território e fluxo é um aspecto crucial de um mundo globalizado. Tanto o território quanto o fluxo podem ocorrer em muitas formas. Um “fluxo” pode ser a transmissão instantânea de finanças, ou os movimentos físicos maciços de bens e commodities negociados. Ou pode ser o movimento das correntes oceânicas. E, no atual período de mudanças climáticas, as migrações de plantas e animais estão acontecendo de novo, como, por exemplo, algumas espécies encontram dificuldades cada vez mais em sobreviver nas ilhas do Reino Unido, enquanto outras chegam. Todos esses movimentos que nos referimos aqui são o que entendemos por fluxos. (MASSEY & CLARK, 2008: 3, tradução livre)<sup>15</sup>.

Nos estudos de caso como recursos pedagógicos, há o interesse na análise dinâmica da natureza associada às práticas sociais, considerando o desenvolvimento da complexidade em múltiplas escalas. Por esta razão, os casos são apresentados como resultantes de uma geometria de poder, dos processos desiguais do capital.

No capítulo “Geografias das Solidariedades”, podemos identificar novamente a potência da ambiguidade entre a pesquisadora e a autora didática, o que permite a produção de uma linguagem multimodal (verbal e não verbal) que viabiliza o ato de pedagogizar a sua interpretação do espaço. Massey sublinha as organizações populares na seção *Another world is possible* para vislumbrar os conteúdos geográficos dos conflitos políticos e sociais, a partir de sua percepção do espaço como múltiplo.

<sup>15</sup>“One of the central arguments of this book is that this constant interplay between territory and flow is a crucial aspect of a globalised world. Both territory and flow may occur in many forms. A “flow” might be the instantaneous transmission of finance, or the massive physical movements of traded goods and commodities. Or it might be the movement of ocean currents; and, in the current period of climate change, plant and animal migrations are happening again as, for instance, some species find it increasingly difficult to survive in the islands of the UK, and yet other arrive. All these movements we refer to as flows.” (MASSEY&CLARK, 2008: 3)

Massey narra os movimentos de resistência, a partir dos casos de La Coordinadora, na Bolívia, e do Exército Zapatista, no México. Ela os narra como movimentos de esperança (2008:318). Os exercícios e as imagens são

recursos para evidenciar o protagonismo dos movimentos sociais e, então, definir a concepção dela de espaço como encontro, como coetaneidade, desenvolvida em textos como *Pelo Espaço* (2008a).

Figura 5 - imagem extraída da seção *Another world is possible*, que retrata a emergência de novos movimentos sociais na América Latina (MASSEY, 2008, p. 316)



Massey, ao desenvolver seus argumentos conceituais e narrar esses fatos, frequentemente interroga seu leitor, o interpela a comparar a experiência vivida ao dos personagens narrados: “Como você pode argumentar contra a crescente interligação do mundo?” (2008:320, tradução livre)<sup>16</sup>.

Na contextualização do debate em que se insere tal interrogação ao seu leitor, Massey desenvolve associadamente dois argumentos. O primeiro trata da descrição e, simultaneamente, dos questionamentos das forças externas da globalização. O segundo diz respeito à análise crítica das consequências, especialmente, da homogeneização espacial, por vezes provocada pelos processos da globalização. Não por acaso, ela sustenta seus argumentos ao empregar os conceitos de fluxo e território. Para ilustrar tal apreciação didática, convém a interpretação da seguinte proposta de atividade:

#### Atividade 7.2

Leia o último parágrafo novamente e reformule essa percepção em termos de conceitos de território e fluxo. Em seguida, aproveite o que aprendemos até agora sobre territórios e fluxos para refutar essa crítica. (Você encontrará sugestões para a resposta ao longo desta seção.)

#### \* Último parágrafo

Uma das maneiras em que as pessoas experimentam

mais diretamente “o mundo globalizado” é através do impacto que ele tem em suas vidas diárias. Embora este impacto possa ser enriquecedor, também pode ser perturbador. Há, por exemplo, queixas constantes sobre a invasão e a transformação dos lugares pelas “forças externas” da globalização. É um tipo de sentimento que, de fato, encoraja a defesa de lugares existentes contra “o estrangeiro” (2008: 321, tradução livre)<sup>17</sup>.

Observem que a autora oferece uma interação pedagógica com o seu leitor para reinterpretar uma sentença, que poderia servir como premissa para discursos conservadores. O argumento central é desconstruir um senso comum que antagoniza o lugar à globalização. Nesse exercício, ela articula sua discussão sobre “os sentidos globais de lugar”<sup>18</sup>, incitando seu leitor a fazer uma ressignificação do cotidiano vivido.

Esse tipo de interpelação ao leitor ocorre em diferentes momentos do texto principal.

#### <sup>17</sup>Activity 7.2

Read the \*last paragraph again, and reformulate this feeling in terms of the concepts of territory and flow. Then draw on what we have learned so far about territories and flows in order to refute this criticism. (You will find hints towards an answer in the rest of the section.)

#### \*Last paragraph

One of the ways in which people most directly experience ‘the globalised world’ is through the impact it has on their daily lives; though this impact can be enriching, it can also be disruptive. There are, for instance, constant complaints about the invasion and dislocation of local places by the ‘external forces’ of globalisation. It is the kind of feeling that does in fact encourage a defence of existing local places against ‘the outside’. (2008:321)

<sup>18</sup>Vide MASSEY, 2000.

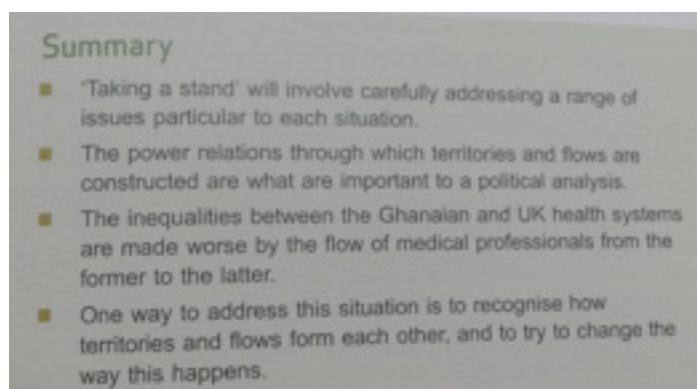
<sup>16</sup>How can you possibly argue against the increasing interconnectedness of the world?” (2008:320)

Além disso, a questão em tela é precedida pela definição de “novos movimentos sociais”, em boxe destacado no texto principal. Importante ressaltar que nesse gênero textual há a valorização de boxes, como uma caixa de diálogo e de esclarecimento com a função didática na aprendizagem a distância. Vejam que isto é uma ferramenta recorrente do texto.

Outra é o boxe de síntese de conteúdos, em que os autores se valem da reiteração como operação didática.

Na aprendizagem a distância, a reiteração é um recurso no qual os autores se apoiam para o esclarecimento ou para o desenvolvimento do argumento, especialmente nos capítulos que objetivam o emprego conceitual. Como dito anteriormente, a interatividade é uma das características do gênero textual do livro didático (e que é enaltecida na modalidade de Educação a Distância), ou seja, é frequente a busca pelo diálogo com o leitor (ALBUQUERQUE e SILVA, 2012).

Figura 6 - Boxe de síntese de conteúdos (2008:333).



A narrativa central de Massey foca nos casos de resistência na América Latina para explicar o conceito da solidariedade em contraposição aos fatores da globalização financeira. O argumento recupera elementos dos conteúdos dos capítulos anteriores. Isto é, o capítulo valoriza a revisão de conteúdos para desconstruir o senso comum. Ademais, tal operação didática está a favor do desenvolvimento teórico, ou seja, de sua crítica ao que chamou de localismo, a fim de desconstruir uma polaridade entre lugar e globalização.

Além dos conceitos de fluxo e território, a discussão empreendida por Massey a respeito das geografias das solidariedades se fundamenta também na apreensão dos conceitos de “poder” e de “responsabilidade” (2008:323). Convém, por exemplo, a análise de um exercício:

Use o argumento que foi desenvolvido até agora para dizer por que a transformação [no lugar] pode ser vista de forma tão intimidadora. Tente encontrar uma série de razões distintas para fundamentar sua explicação (idem, tradução livre).<sup>19</sup>

Em outros artigos e ensaios teóricos, Massey (2006) retoma da filosofia, especialmente, o conceito de responsabilidade, o que não se restringe à visão liberal. Massey articula tal compreensão para questionar uma perspectiva propositiva para as geografias das

solidariedades. Poderemos ver tal interpretação a partir de seu debate a respeito da migração dos profissionais da saúde de países periféricos da África e da Ásia para o Norte Global. No desenvolvimento da análise, ela provoca seu leitor: “Então, esses profissionais de saúde deveriam ser impedidos de migrar?” (2008:328)<sup>20</sup>.

Ela põe em questionamento percepções do senso comum. Nesse momento, ela interpela novamente o leitor para avaliar a complexidade das relações espaciais, recuperando o debate sobre “sentido global de lugar”. Nessa direção, a autora oferece elementos ao seu interlocutor para observar os limites cognitivos e práticos de antagonizar o território ao fluxo: “[Com o argumento] colocado dessa maneira, nós reduziríamos o debate à sentença de o território versus o fluxo, mas nosso ponto de partida é outro”. (2008:328). Massey, nessa narrativa didática, identificou o imperativo da solidariedade internacional na prática dos significados desse tipo de relação escalar. Mais além, ela desdobra seu argumento para o que chamou de “uma particular imaginação geográfica da solidariedade” (2008: 334).

Com a discussão de direitos autorais, por exemplo, Massey interpela seu leitor à complexidade da contingência política e das contradições nas ações solidárias. Para tanto, ela recupera a discussão da mídia independente e a sua emergência nos movimentos

<sup>19</sup>Use the argument that have been made so far to say why changing things can often seen so daunting. Try to come up with a number of distinct reasons” (2008:323)

<sup>20</sup>“So, should those medical professionals be stopped form migrating?” (2008:328)

anticapitalistas. Aliás, ao selecionar os casos e narrá-los, ela propõe uma interpretação das potências e dos limites da comunicação diante da dinâmica da geometria de poder.

Com tal interpretação, Massey faz a análise espacial, articulando o debate entre a solidariedade, a responsabilidade e a comunicação. Tal associação é percebida por nós como potente conteúdo para o Ensino Médio, ainda pouco tratado sob a perspectiva geográfica. Para ela, os novos movimentos sociais e suas geografias dependem do fluxo de informação.

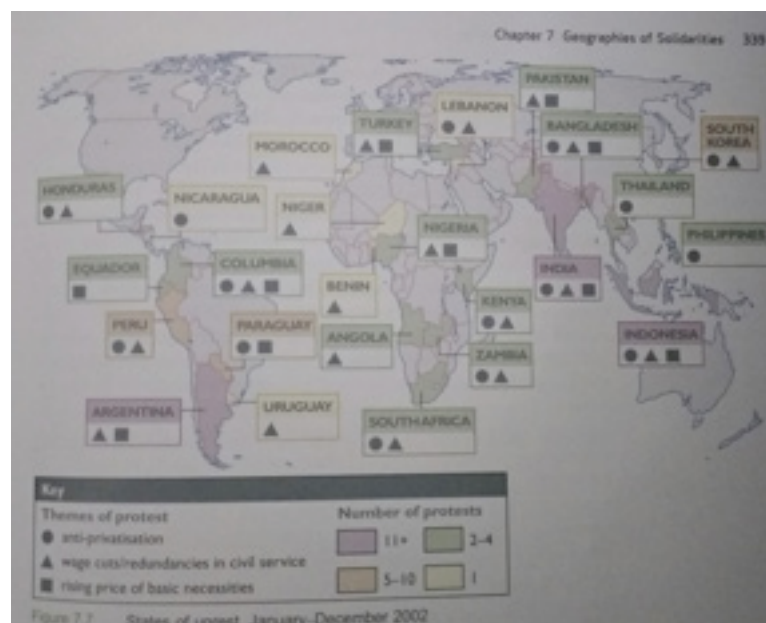
Nessa direção, é válida a análise a respeito das contradições de movimentos localistas, como dos grupos do campesinato europeu que reivindicam mais barreiras e

políticas antiglobais:

Considere a citação de Bové e Dufour (2001) acima. É realista? É mesmo democrática? E as afirmações que surgem em um mundo globalizado de uma conectividade mais ampla? E as pessoas “locais” que são ricas e poderosas? (2008: 350)

O foco central do capítulo está no desenvolvimento da ambiguidade e não da dicotomia entre o conflito e a solidariedade para interpretar e intervir no fenômeno espacial. Aqui, ela recupera a discussão da desigualdade, pois o conflito poderia acionar um localismo conservador e se antagonizar às formas alternativas de coletividade e de solidariedade.

Figura 7 - Representação dos movimentos sociais e manifestações em escala global (MASSEY, 2008, P.315)



O argumento é desenvolvido também pela linguagem não verbal, como a expressão de luta protagonizada pelas fotografias destacadas (em meia página e com alta resolução) dos movimentos sociais na América Latina. Outro exemplo é a cartografia temática adotada, oferecendo dados sobre as causas dos movimentos sociais anticapitalistas, em escala global. Em linhas gerais, Massey, no decorrer do seu texto sobre as Geografias das solidariedades, experimenta operações pedagógicas para provocar o seu leitor a pensar a respeito do espaço, da responsabilidade e da geometria do poder.

Isso porque a Geografia escolar, não raras vezes, se ancora nas nomeações mais generalizantes para operar classificações – a regionalização do mundo, por exemplo, que impedem, no dizer de Massey, outras “imaginações

geográficas”. Esse argumento pode ser articulado à publicação *Debates in Geography Education*, editado por David Lambert e Mark Jones (2013) e se soma ao debate curricular que vem denunciando, de maneira análoga, o discurso hegemônico do sujeito universal na seleção do conhecimento escolar (GABRIEL, 2012).

Por tais razões, neste ensaio adoto a premissa de que as contribuições de Massey para pensar o espaço nos manuais de sua autoria poderiam contribuir para uma agenda política a favor do ensino da Geografia, o que justifica uma aproximação com os trabalhos da autora voltados precisamente para os projetos de ensino. Nestas seções, busquei resumidamente apresentar interpretações sobre as propostas de exercícios, como construções políticas inspiradoras para pensar o espaço



no contexto escolar da emancipação. Nesse caso, vejo a razão pedagógica de Massey, como um lugar de encontro, o que me permite agora conversar com as memórias de Paulo Freire:

Em El Salvador, camponeses e camponesas que lutaram ao longo dos anos, de armas e, ao mesmo tempo, de olhos curiosos nas frases, nas palavras, lendo e relendo o mundo, brigando para fazê-lo menos feio e menos injusto, aprendendo a ler e escrever a escrever as palavras, me convidaram para, com esperança, festejar um hiato de paz, na guerra. Queria me falar do que fizeram e me mostrar o que faziam. Era a sua forma de me homenagear. (FREIRE, 1997:100)

Em *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire revisitou sua obra mais popular *Pedagogia do Oprimido* e relembrou uma série de episódios que retratam a dimensão emancipadora de projetos educativos. O trecho retrata a dureza da luta (vvida por milhões de camponesas e camponeses no mundo) e a beleza do fazer as palavras e das palavras a sobrevivência da esperança. Paulo Freire, ao narrar seu encontro com os trabalhadores em luta, fez um depoimento de esperança.

Inspirada na escrita de Freire, quis nestas seções fazer um pequeno retrato da abordagem emancipadora do espaço, nas aprendizagens propostas por Massey nos seus materiais pedagógicos. Em tempos incertos, nos vale homenagear Massey para seguir no imperativo de que nossas aprendizagens espaciais possam abrigar, sobretudo, uma linguagem de possibilidade para um mundo “menos feio e menos injusto”.

## Considerações finais

Para condizer com o legado de Massey – que primou pela indissociabilidade entre a sua escrita e a sua ação política – este ensaio precisava se guardar na esperança. Massey em nenhum momento falou de didática da Geografia, mas, ao ambicionar uma escrita que comunicasse sua concepção de espaço, ela também ofereceu um legado pedagógico.

Portanto, com o foco no aprendizado espacial, compreendemos que o ensino de Geografia pode adotar um entendimento de espaço que confia na radicalidade da democracia como horizonte de política educacional. Por isso, compreendemos que na elaboração de avaliação aplicada em todo o território nacional, por exemplo, há marcas hegemônicas que subalternizam outras imaginações geográficas. Isto significa que, na concepção do ensino de Geografia como política democrática de conhecimento, faz-se necessária a inspiração no horizonte da multiplicidade, como nos informa Massey (2008), para impedir subalternizações, ao produzir sentidos de território nacional como conteúdo escolar.

Dessa forma, ao considerar a potência do trabalho de Massey para a investigação da Geografia escolar, este trabalho procura em concepções como “multiplicidade”, a análise do encontro/conflito com o fim de desconstruir os fechamentos de significações do espaço, tais como ocorrem em muitas questões adotadas pelo ENEM, ou em prescrições curriculares previstas no projeto de Base Comum. Para essa afirmação, cabe agora a denúncia de Massey: “Ao negar a diferença, podemos negar aos estudantes oportunidades de desenvolver as habilidades de pensamento de ordem mais profunda, necessárias para produzir explicações mais complexas dos fenômenos geográficos”. (2006:51, tradução livre)<sup>21</sup>.

“O que Doreen diria sobre nós?”, não é um recurso retórico. Tampouco um “elixir” colonizador que guardaria a validade das contundentes explicações científicas. Massey, uma pensadora global, que viveu na Nicarágua sandinista, participou dos coletivos Venezuelanos no auge do movimento bolivariano e sempre procurou conversar horizontalmente com o outro, não propôs explicações totalizantes sobre a América Latina.

Aliás, suas análises sempre focaram na complexidade, na contingência e na democracia. Das múltiplas linguagens que adotou para produzir suas interpretações sobre o espaço do outro, como é possível verificar no documentário narrado e roteirizado por ela “*Land use in Brazil*”<sup>22</sup>, Massey vislumbra a multiplicidade de produzir interpretações e, com isso, busca alternativas, ou seja, valoriza a estratégia democrática.

O que sustenta a interrogação título deste ensaio é a mirada-de-dentro-para-fora (*outwardlookingness*): mais que um neologismo, é uma metáfora que nos convida a um método de ensino, para nos questionar como sustentamos nossas imaginações geográficas, o que, de certo, é uma via inspiradora para problematizarmos a agenda da escola.

Em outras palavras, o espaço escolar abriga a função política de legitimar saberes, de regular a verdade. Então, as proposições do espaço de Massey nos instrumentalizam a pensar a respeito do espaço e com o espaço da escola. Nesta grave crise política que ameaça o ofício docente, em particular, a natureza intelectual da nossa identidade de professores de Geografia, nos cabe refletir a escola a partir da política da espacialidade, ou seja, entendê-la como espaço do múltiplo e das interconexões.

Significa também a abertura como princípio da interpretação espacial para, inclusive, questionar a objetividade oferecida pelo território do verdadeiro. Logo, as contribuições de Massey para o debate educacional estão a oferecer a desconstrução do terreno do totalitário

<sup>21</sup>By denying difference we can deny students opportunities to develop the higher-order thinking skills needed to produce deeper explanations of geographical phenomena. (2006:51).

<sup>22</sup>Informações sobre o documentário: Direção de Hugh Phillips, com a contribuição de Doreen Massey (BBC/Open University), Reino Unido, 1986.

(da verdade absoluta), haja vista que sua compreensão do pluralidade de valores não é garantida. espaço se dá na indissociabilidade com o tempo.

Dessa maneira, a perspectiva de Massey se funda na teoria política, ao incorporar a dimensão da contingência para produzir o entendimento de espaço. Com esta plataforma teórica, a proposta deste artigo buscou, no legado de Massey, a coerência teórico-político-pedagógica para vislumbrar um projeto de aprendizado espacial que desestabiliza essencialismos, a favor de uma mente geográfica mais atenta ao provisório consenso, em um cenário político no qual o conflito é o imperativo e a

## Referências

- ALBET, A. & BENACH, N. Doreen Massey: un sentido global del lugar. *Icaria – Espacios Críticos*, Barcelona. 2013.
- ALBUQUERQUE, M.R & SILVA, I.M.M. Materiais didáticos impressos para educação a distância: interfaces com práticas de linguagem. IN: *Educação e Temática Digital*, v. 14, n. 2 (2012), pp. 75-93.
- ALLEN, JOHN & MASSEY, DOREEN. *Geographical worlds. The Shape of the world: explorations in Human Geography*. The Open University-Oxford, 1995.
- FEATHERSTONE, David e PAINTER, Joe. *Spatial Politics – Essays for Doreen Massey*. Londres, 2013.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança – um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1997, 127p.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1967, 123p.
- GABRIEL, Carmen Teresa. Currículo de História: entre experiências temporais e espaciais. Trabalho encomendado. In: *VIII Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História e III Encontro Internacional de Ensino de História*, 2012, p. 1-17 (no prelo).
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.
- HAESBAERT, R. *Regional – Global – Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea*. Bertrand do Brasil, Rio de Janeiro, 2010.
- \_\_\_\_\_. Território e multiterritorialidade: um debate. *Geographia/UFF*, n.17, Niterói, 2007, pp. 19-46.
- HOLLMAN, V. , LOIS, C. *Geo-grafías – Imágenes e instrucción visual em la geografía escolar*. Paidós – Cuestiones de Educación. Buenos Aires, 2015.
- LACLAU, E. E MOUFFE, C. Hegemonia y estrategia socialista - hacia una radicalización de La democracia. *Fondo de Cultura Económica*, Buenos Aires, 2005.
- LACLAU, E. *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Nueva Visión, Buenos Aires, 2005.
- LAMBERT, D. & JONES, M. *Debates in Geography Education*. Routledge, Londres 2013.
- MASSEY, D. Londres, dezembro 2011. IN: ALBET, A. & BENACH, N. Doreen Massey: un sentido global del lugar. *Icaria – Espacios Críticos*, Barcelona. 2013, pp. 247-264.
- MASSEY, D. *Pelo espaço – uma nova política da espacialidade*. Bertrand Brasil Editora, Rio de Janeiro, 2008 a.
- \_\_\_\_\_. Geographies of solidarities. IN: CLARK, Nigel; MASSEY, Doreen; SARRE, Philip. *Material Geographies – a world in the Making*. SAGE Publications Inc., Milton Keynes/UK, 2008a.
- \_\_\_\_\_. Massey, D. (2006) The geographical mind. In: Balderstone, D. (ed) *Secondary Geography Handbook, Sheffield, Geographical Association*. Disponível em: <http://www.geography.org.uk/projects/valuingplaces/>. Acesso: março de 2015.

\_\_\_\_\_. Landscape as a provocation: reflections on moving mountains. *Journal of Material Culture*, 11(1-2) pp. 33-48.

\_\_\_\_\_. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. *Geographia* – Ano 6, no. 12, Niterói, UFF, 2004, pp. 7-23.

\_\_\_\_\_. Angeleno Anomalies. In: *New Left Review* (1), Jan.Feb., 2000, pp. 173-177.

\_\_\_\_\_. O sentido global de lugar. In: ARANTES, A. *O espaço da diferença*. Papirus, Campinas, 2000. Pp. 177-185.

\_\_\_\_\_. Politics and space-time. In: *New Left Review* (196), Jan.Feb., 1992, pp. 65-84.

\_\_\_\_\_. Flexible sexism. *Environment and Planning D: Society and Space*, v. 9, n. 1, p. 31 – 57, 1991b.

MASSEY, D. & JESS, P. A Place in the World?: *Places, Cultures and Globalization. The Shape of the world: explorations in Human Geography*. Milton Keynes: The Open University-Oxford, 1996.

SALDANHA, A. Power – Geometry as Philosophy of Space. In: FEATHERSTONE, David e PAINTER, Joe. *Spatial Politics – Essays for Doreen Massey*. Londres, pp. 44-55, 2013.

SENE, J.E. O livro didático como produto da Geografia Escolar: obra menor? IN: *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, Campinas, v. 4, n. 7, p. 27-43, jan./jun., 2014.